

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

MAÍZA OLIVEIRA ALVES

**O ensino de Geografia e a importância do estudo do lugar na construção da  
identidade da criança do 4º ano do Ensino Fundamental**

Brasília

2016

**MAÍZA OLIVEIRA ALVES**

**O ensino de Geografia e a importância do estudo do lugar na construção da  
identidade da criança do 4º ano do Ensino Fundamental**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da professora Dra. Cristina Maria Costa Leite.

Brasília

2016

## TERMO DE APROVAÇÃO

### Comissão Examinadora:

---

Profa. Dra. Cristina Maria Costa Leite - Orientadora  
Faculdade de Educação/MTC/UnB

---

Profa. Dra. Maria Fernanda Farah Cavaton - Examinadora  
Faculdade de Educação/MTC/UnB

---

Profa. Dra. Antônia da Silva Samir Ribeiro  
Secretaria de Educação do Distrito Federal

---

Prof. Dr. Antônio Favero Sobrinho  
Faculdade de Educação/MTC/UnB

*“Enquanto educadora,  
a Cidade é também educanda”.*

Paulo Freire

*Dedico esse trabalho aos meus pais,  
Marilene Oliveira e Walter Reis, por me ofertarem  
O apoio e a compreensão neste percurso.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente Aquele que esposou a minha alma unicamente para si, pois meus pequenos passos ganharam firmeza em tua imensidão, fazendo-me capaz de chegar até aqui. Posteriormente, ofereço minha gratidão à minha mestra e rainha, a Virgem Maria, por me acalmar com a virtude da santa paciência nesse árduo caminho.

Aos meus amados pais digo que essa conquista é apenas mais um reflexo das renúncias que fizeram para me oferecer “aquilo que ninguém tem poder para roubar”, os estudos. Gratidão eterna aos senhores por terem me formado, ofertando-me tanto o suporte financeiro como o emocional.

Aos meus irmãos, familiares e amigos agradeço pelos sorrisos, pela paciência, pelas palavras confortantes e essencialmente pelas orações que me ofereceram quando meus desesperos formavam tempestades.

Agradeço desde já a banca avaliadora deste trabalho de conclusão de curso por ter se disponibilizado a participar deste momento tão importante da minha graduação.

Por último, mas não menos importante, oferto minha alegria aqueles que se esforçaram e exalaram teus sábios conhecimentos sobre nós, almejando formar educadores e não máquinas de ensino. Deste modo, cito aqui fundamentalmente minha orientadora Cristina Maria Costa Leite, pela paciência e pela formação oferecida a mim durante todo esse processo. Agora com as raízes que me fincaram, desejo perfumar e florir em outros horizontes.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso foi motivado a partir de discussões geradas na disciplina Educação em Geografia e, possui como objetivo geral analisar se o Riacho Fundo II constitui-se elemento de mediação pedagógica no contexto de relações de ensino-aprendizagem no 4º ano do Ensino Fundamental. Nessa perspectiva, a pesquisa assume o conceito de lugar, conteúdo referente ao processo de escolarização em Geografia, que possibilita à criança a reflexão sobre a realidade e a valorização daquilo que lhe é próprio, como suas vivências, cultura local e histórias de vida. Assim, sabendo que os conteúdos são orientados ao estudo do município, mas que o Distrito Federal possui Regiões Administrativas problematiza-se qual seria o lugar estudado, visto que as histórias das cidades estão fortemente ligadas à Brasília. A partir disso, em uma perspectiva qualitativa, a pesquisa foi realizada utilizando observações em duas salas de aula de 4ª anos do Ensino Fundamental, por meio de grupo focal realizado com os alunos, desenhos desenvolvidos por estes e utilização das informações contidas no diário da pesquisadora. Desta forma, a suposição geral desta pesquisa é que o conceito de Distrito Federal é construído a partir de Brasília, considerada como o lugar da criança, acarretando uma supervalorização da capital, em detrimento do Riacho Fundo II e conseqüentemente, da construção identitária da criança em seu lugar. Os resultados obtidos nos desenhos e nos diálogos das crianças do grupo focal indicaram hegemonia identitária de Brasília sobre o Riacho Fundo II, provocando a negação do próprio lugar de vivência e sua desvalorização em detrimento de uma realidade externa a sua. Tal fato também se origina da pouca importância dada pelos docentes ao ensino de Geografia, sendo construído de forma superficial e sem criticidade.

Palavras chave: lugar; criança; identidade; Geografia; valorização; vivência.

## **ABSTRACT**

The present course graduation work was motivated due to discussions generated from the discipline called 'Education in Geography' and its main goal is to analyze if the Riacho Fundo II constitutes as pedagogical mediation element in the context of teaching-learning relationships in the 4th year of Elementary School. Given this perspective, the research takes the concept of place, content related to the educational process in geography, which enables the child to reflect on the reality and evaluation of what is her own, such as her experiences, local culture and life stories. Therefore the contents are oriented to the study of the city, although the Federal District division in Administrative Regions problematizes which place would be studied given that the stories of the cities are strongly linked to Brasilia. From this, in a qualitative perspective, the survey was conducted using observations in two classrooms of the 4th year of Elementary School through focus group conducted with the students, drawings developed by these and using the information contained in the diary of the researcher. Thus, the general assumption of this research is that the concept of Federal District is built around Brasilia, considered as the place of the child, leading to an overvaluation of the capital at the expense of Riacho Fundo II and consequently, the child's identity construction of her place. The obtained results indicates the hegemony of Brasilia's identity over Riacho Fundo II, causing the denial of its own place of living and its devaluation due to an external reality of yours. This fact also stems from the limited importance given by teachers for the teaching of Geography, built and lectured on a superficial basis and without criticism.

**Keywords:** place; child; identity; Geography; appreciation/evaluation; experience.



## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Desenhos sobre o lugar onde moram.....	37
<b>Quadro 2:</b> Conhecimentos sobre o lugar.....	46
<b>Quadro 3:</b> Comentários sobre o grupo focal.....	46

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: malha viária da RA.....	30
Figura 2: Foto da cidade.....	30
Figura 3: Mapa da RA no contexto do DF.....	31
Figura 4: Desenho sujeito 1.....	38
Figura 5: Desenho sujeito 2.....	39
Figura 6: Desenho sujeito 3.....	40
Figura 7: Desenho sujeito 4.....	41
Figura 8: Desenho sujeito 5.....	42
Figura 9: Desenho sujeito 6.....	42
Figura 10: Desenho sujeito 7.....	43
Figura 11: Desenho sujeito 8.....	43
Figura 12: Desenho sujeito 9.....	44
Figura 13: Desenho sujeito 10.....	45

## SUMÁRIO

Apresentação .....	12
Parte I – Memorial .....	13
Parte II – O Ensino de Geografia e a Importância do Estudo do Lugar na Construção da Identidade da Criança do 4º Ano do Ensino Fundamental.....	16
<b>1. Introdução .....</b>	<b>17</b>
<b>2. Referencial Teórico .....</b>	<b>21</b>
2.1. Breve histórico da Geografia Escolar.....	21
2.2. Mundo Contemporâneo .....	22
2.3. A importância do ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental .....	23
2.3.1. O lugar na Geografia Escolar.....	25
2.3.2. Brasília e Regiões Administrativas.....	27
<b>3. Metodologia .....</b>	<b>29</b>
3.1. Contexto de produção das informações empíricas .....	29
3.1.1. O lugar: Riacho Fundo II.....	29
3.1.2. A Escola.....	31
3.1.3. Os sujeitos da pesquisa.....	32
3.1.3.1. Professores.....	32
3.1.3.2. Crianças.....	32
3.2. Instrumentos e Materiais.....	33
3.3. Procedimentos de Construção de Informações Empíricas.....	33
3.3.1. Os desenhos.....	34
3.3.2. Grupo Focal.....	34
3.3.3. Diário da Pesquisadora.....	35

3.4. Procedimento de análise das informações empíricas .....	35
3.4.1. Desenhos.....	35
3.4.2. Grupo Focal.....	36
3.4.3 Diário da Pesquisadora.....	36
<b>4. Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados.....</b>	<b>37</b>
4.1. Resultados.....	37
4.1.1. Desenhos .....	37
4.1.1.1. Categoria 1 – Desenhos com elementos do Riacho Fundo II.....	38
4.1.1.2. Categoria 2 – Desenhos com elementos do Riacho Fundo II e da capital federal.....	40
4.1.1.3. Categoria 3 – Desenhos com elementos de Brasília ou outras cidades.....	41
4.1.1.4 – Categoria 4 – Desenho sem caracterização de cidades.....	44
4.1.2. Grupo Focal.....	45
4.1.3. Diário da Pesquisadora.....	48
<b>5. Considerações Finais.....</b>	<b>55</b>
Parte III – Perspectivas profissionais futuras .....	57
Referências.....	59

## APRESENTAÇÃO

As discussões geradas na disciplina de Educação em Geografia, fizeram com que surgisse um interesse mais assíduo em observar com um olhar crítico as práticas desenvolvidas no ensino de Geografia. Desta forma, a partir do estágio obrigatório foi oportunizada a possibilidade de iniciar o percurso desta pesquisa.

Infelizmente o descaso com a Geografia foi notado logo, pois as professoras da escola participante só autorizaram o início do estágio após o recebimento dos livros didáticos, justificando que estes eram fundamentais para guiar as práticas pedagógicas, automaticamente atrasando o estudo da disciplina, visto que o material demorou a ser entregue.

Nesse sentido, torna-se importante pensar sobre o estudo do lugar já o situando na perspectiva da valorização do ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Assim, o lugar se constitui como parte da realidade da criança e expressa suas vivências, a memória familiar e relações estabelecidas com seu grupo social. Diante deste conhecimento, os conteúdos de Geografia do 4º ano do Ensino Fundamental referem-se ao estudo do município a fim de levar o aluno a pensar sobre as relações sociais a partir da sua realidade. Sabendo que no Distrito Federal não existem municípios, mas sim Regiões Administrativas, insere-se o questionamento de qual lugar seria estudado sendo que as histórias dessas RA's se constituem fortemente ligadas a de Brasília.

Desta forma, essa pesquisa busca contextualizar os conflitos existentes no processo de ensino-aprendizagem, explorando o modo como as práticas pedagógicas são desenvolvidas pelos docentes e como o estudo do lugar se faz importante na construção da identidade da criança.

Este trabalho encontra-se dividido em 3 partes. A primeira parte é o memorial, trazendo o percurso da minha trajetória acadêmica até o momento da escolha do tema aqui exposto.

A segunda parte é dividida em 5 capítulos, sendo o primeiro a introdução, o segundo a fundamentação teórica, o terceiro apresenta a metodologia utilizada, o quarto é referente a apresentação e discussão das informações empíricas e o quinto capítulo apresenta as considerações finais sobre o trabalho.

A terceira parte se refere as perspectivas profissionais futuras da pesquisadora.

## **PARTE I – MEMORIAL**

Eu sou Maíza Oliveira Alves, nasci no dia 06 de maio de 1994 na cidade do Gama. Sou a terceira filha do casal, sendo o Wellisson e a Mayara meus irmãos mais velhos e Luís Gabriel meu irmão mais novo.

Minha mãe é formada em Magistério e já lecionava antes do meu nascimento, sendo assim, iniciei minha vida escolar aos três anos de idade na Escola Querido Pônei, onde esta trabalhava. Eu não tinha uma boa dicção e dizia que meu nome era Íiza, assim, somente minha irmã mais velha entendia a maior parte do que eu falava, sendo chamada constantemente em minha sala para traduzir minha fala. Também havia uma professora chamada Mariluce que conseguia me compreender.

No jardim três minha professora entrou de licença e a escola colocou um professor substituto, este ao perceber meu problema fonológico, convocou meus pais e pediu meu encaminhamento para tratamento com fonoaudióloga. A partir de seis anos comecei meu tratamento fonoaudiólogo e psíquico, com muita dificuldade e com a ajuda deste professor comecei a ler.

Com oito anos de idade mudei de cidade. Morava no Jardim Céu Azul localizado no entorno do DF e fui morar no Riacho Fundo II. Assim, fui transferida para a rede publica de ensino, já que os colégios do DF são consideravelmente mais caros. Adaptei-me muito bem, não precisando mais ser traduzida pela minha irmã e continuei meu tratamento até os dez anos.

Desde pequena decidi que seria professora, entretanto, não sabia qual licenciatura cursaria. Mesmo com as minhas dificuldades nos anos iniciais de escolarização, a escola me encantava e enchia-me de orgulho em dizer que minha mãe era professora.

Nos anos finais do Ensino Fundamental meus pais já me pressionavam para saber a minha escolha de curso, pois me colocariam em um cursinho preparatório para o vestibular da UnB. Desta forma, pensei em cursar Letras Português, mas não gostava muito de gramática. Assim, percebi que eu me identificava com a área de Ciências Humanas, fazendo com que no 1º ano do Ensino Médio estivesse dividida entre História e Ciências Sociais.

Diante disso, comecei a fazer o cursinho preparatório para o PAS em 2009 e segui as etapas até 2011. Minha irmã sendo dois anos mais velha do que eu, passou para o curso de Enfermagem na UnB enquanto ainda estava no meio do 3º ano do Ensino Médio. Isso fez com

que a pressão em casa aumentasse para que eu também conseguisse a graduação em uma Universidade Federal, mas infelizmente não consegui passar ao final dos três anos de estudo.

Havia tentado Ciências Sociais tanto no PAS como no vestibular e como não passei em nenhum, comecei a cursar História em uma faculdade particular. Mesmo sendo um curso que eu gostava, não sentia aprofundamento na área e tinha receio de ter uma má formação profissional. Diante disso, no segundo semestre me inscrevi para as vagas remanescentes do segundo vestibular 2012, usando a minha nota do ENEM. Como já cursava História, decidi tentar outro curso, mas Ciências Sociais só tinham nove vagas, fazendo com que eu optasse por Pedagogia que tinha sessenta e que eu também possuía encantamento. Todavia, não fiquei esperançosa para não me frustrar novamente. Desta forma, só quem sabia da minha inscrição era a minha mãe e o meu avô.

Um dia voltando da faculdade, lembrei que sairia o resultado naquela data. Portanto, chegando em casa fui olhar sem falar para ninguém. Digitei meu nome e saiu como aprovada, fazendo com que não acreditasse e digitasse novamente. Assim, comecei a chorar meio sem reação e apontando a tela do computador para minha irmã, que não entendia nada. No dia seguinte meus pais estavam disputando o telefone para contar para familiares e conhecidos que tinham mais uma filha na UnB.

Após terminar o segundo semestre no curso de História, decidi trancar a matrícula e permanecer somente no de Pedagogia. Deste modo, no 3º e no 4º semestre consegui concretizar que havia feito a melhor escolha, pois entrando no Projeto 3 fases 1 e 2 – Desenvolvimento Cultural na Educação Infantil, ganhei a certeza que o curso preenchia minhas expectativas profissionais. Estudar as teorias e as reconhecer diante das práticas realizadas na Casa de Ismael fizeram com que o meu encantamento pelo curso aumentasse cada vez mais.

No 5º semestre participei do Projeto 4 – fase 1, realizando o estágio na Educação Infantil. Já no 6º semestre decidi fazer o Projeto 4- fase 2 no Ensino Fundamental, visto que eu tinha me interessado bastante pelas discussões realizadas na disciplina Educação em Geografia, ministrada pela professora Cristina. Desta forma, já iniciei meu período de estágio com o tema do trabalho de conclusão de curso a ser desenvolvido.

Atualmente trabalho como monitora de Educação Infantil em uma escola particular.



**PARTE II – O ENSINO DE GEOGRAFIA E A IMPORTÂNCIA DO  
ESTUDO DO LUGAR NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA  
CRIANÇA DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

## 1. Introdução

O processo de ensino/aprendizagem deve estar associado à leitura de mundo, considerando a cultura e o meio social da criança como mediadores no processo de construção de conhecimentos (VYGOTSKY,1988), pois “aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida”(VYGOTSKY, 1984, p. 110 apud OLIVEIRA, 1994, p.44). As vivências prévias das crianças devem ser consideradas quando do seu ingresso no ambiente escolar. Assim, não se pode apenas criar novos conceitos e trabalhar a partir deles, como se as crianças fossem folhas em branco, se torna necessário incluir o que elas já conhecem e vivenciam cotidianamente. Tais considerações apoiam-se na perspectiva sociocultural de Vygotsky, onde as interações sociais e culturais das crianças são de inegável valor no processo de ensino-aprendizagem.

No âmbito da Geografia escolar a perspectiva vigotskiana aparece na proposição metodológica socioconstrutivista proposta por Cavalcanti (2008) e também na apresentada por Callai (2005), a partir do conceito de lugar. Nesse sentido, o meio do aluno – seu lugar- pode refletir muito sobre suas relações, permitir a construção da noção de pertencimento e, por conseguinte, da noção de cidadania, uma vez que o cotidiano é vivido e por isso passível de significação. Desse modo, a criança pode apresentar indagações sobre como ela se vê inserida na comunidade, como se dá sua relação com a cidade e como significa pertencer a este lugar:

O desenvolvimento da criança encontra-se, assim, intrinsecamente relacionado à apropriação da cultura. Essa apropriação implica uma participação ativa da criança na cultura, tornando próprios dela mesma os modos sociais de perceber, sentir, falar, pensar e se relacionar com os outros.(VIGOTSKI, 2009, p.8)

Nesta perspectiva, o ensino também tem o objetivo de fazer a criança se reconhecer naquilo que estuda, encontrar a possibilidade de ver diretamente a importância de tal aprendizagem. Sendo assim, quando se estuda o lugar, automaticamente a cultura e a história estarão ligados ao conteúdo, possibilitando a criança voltar o seu olhar para o que está mais próximo.

Portando, a Geografia Escolar vai muito além do estudo do livro didático: é aprender a pensar sobre o que se vive para contextualizar os conteúdos. Pelo vivido cotidianamente no lugar se busca a mediação com os novos conhecimentos, fazendo com que a compreensão do

mundo se dê a partir da singularidade. Ressalte-se, aqui, a necessidade da interdisciplinaridade e a urgência em se fundamentar uma unidade no processo de alfabetização nos anos iniciais, pois a fragmentação dos saberes faz com que não ocorra contextualização e o ponto de vista da criança seja limitado a determinado espaço.

Assim, a “possibilidade do cruzamento entre Geografia e Educação torna-se importante num mundo em crise, crise expressa entre outros modos, nas concretudes do espaço vivido, através dos quais as relações sociais se geografizam” (REGO, 2000, p. 8 apud CALLAI, 2005, p.232). Nesse sentido, se instituem os questionamentos sobre qual a importância de se estudar o próprio lugar da criança em um mundo tão globalizado, como essa aprendizagem pode refletir sobre noção de identidade e cidadania, e como o ensino de Geografia pode se fazer mais próximo da realidade vivida.

Tais considerações justificam a presente pesquisa que analisa como os professores do 4º ano do ensino fundamental, de uma escola pública do Riacho Fundo II constroem o conceito de DF com seus alunos. Nesse sentido, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais/PCN e o Currículo em Movimento do Distrito Federal/CM-DF, no 4º ano do ensino fundamental, se estuda o município, que assume a configuração de lugar dos alunos. Considerando-se que o Distrito Federal não tem municípios, pois é composto por 31 regiões administrativas, essa questão é problemática na identificação de qual seria o lugar do aluno, ou seja: seriam todas as regiões ou apenas uma?

Defende-se a ideia que a criança do 4º ano conheça seu território, que é específico e diferente das demais unidades federativas brasileiras. Entretanto, para que isso seja possível, torna-se importante começar por aquilo que é significativo ao aluno: seu lugar de vivência, sua cidade.

A globalização trouxe a perspectiva de conhecer o mundo por diferentes meios de comunicação, fazendo com que informações sobre cidades, Estados ou países estejam cada vez mais acessíveis, e promovendo o deslumbramento pelos diversos lugares do mundo. Todavia, o próprio lugar de vivência perdeu importância, quando se nota que a escala global está se sobressaindo sobre a local, ao perceber que não sabemos sobre os acontecimentos do próprio lugar onde vivemos.

[...] A Geografia, ao proporcionar novas leituras do espaço vivido cotidianamente, é um poderoso instrumento para a construção da cidadania ao fortalecer a identidade através da valorização do lugar e da compreensão da articulação deste com o espaço global. (AIGNER, 2011, p.213 apud LIMA, 2008, p.4)

Assim, esta investigação se propõe a analisar as práticas pedagógicas promovidas pelo professor, no contexto da escolarização de seus alunos, a partir do Riacho Fundo II, a XXI Região Administrativa do DF, com 20 anos de idade e aproximadamente 39.093 habitantes. (CODEPLAN, 2013). Nesse sentido, examinará como os professores constroem o conceito de Distrito Federal com seus alunos. Problematiza-se como a cidade da criança é referenciada no estudo do Distrito Federal, sua importância em relação ao processo de ensino-aprendizagem.

A suposição geral dessa pesquisa é que o conceito de Distrito Federal é construído a partir de Brasília, considerada como o lugar da criança, acarretando uma supervalorização da capital, em detrimento do Riacho Fundo II e conseqüentemente, da construção identitária da criança em seu lugar.

O foco está em verificar como o lugar da criança se torna referência na sua aprendizagem, se ocorre valorização daquilo que lhe é próprio ou se simplesmente entra como mais um conteúdo a ser cumprido e seguido para a nova fase. Procura-se evidenciar como o aluno se vê em determinado espaço e como o associa a sua história de vida. Assim, defronta-se com as seguintes questões: O lugar é visto como parte atuante no seu processo de construção de conhecimento? Como o docente pode se fazer atuante no desmoronamento da visão de cidades encaradas como elitizadas e nas vistas como periferia? Como incluir a valorização do espaço vivido, a convicção de que ambos contribuem na construção das diversas camadas sociais?

Desta forma, o objetivo geral desta pesquisa é analisar se o Riacho Fundo II constitui-se elemento de mediação pedagógica no contexto de relações de ensino-aprendizagem no quarto ano do Ensino Fundamental, estando aliado aos seguintes objetivos específicos:

- Identificar e analisar se o Riacho Fundo II aparece nos conteúdos de Geografia do 4º ano;
- Identificar como o Riacho Fundo II aparece nesses conteúdos;
- Analisar se o Riacho Fundo II contribui na construção do conhecimento em Geografia ou em qualquer área;

- Analisar se o Riacho Fundo II subsidia a construção do conceito de DF;
- Analisar como a criança percebe o Riacho Fundo II ;
- Identificar como os professores constroem com seus alunos a noção do Riacho Fundo II.

A metodologia utilizada foi de abordagem qualitativa, buscando compreender como os alunos do 4º ano do ensino fundamental estabelecem relações geradoras de conhecimento com o lugar e como o ensino é efetuado pelo docente. A pesquisa foi desenvolvida através de observação participante e análise documental do diário da pesquisadora e de desenhos produzidos pelos alunos.

## **2. Referencial Teórico**

### **2.1. Breve histórico da Geografia escolar**

Para se discutir o ensino de geografia é necessário primeiramente discutir algumas transformações que esta área do conhecimento vem sofrendo no decorrer dos anos, em sua perspectiva escolar.

Inicialmente se destaca a geografia ligada à educação tradicional, que privilegia a memorização conteudista e se limita a aula expositiva dada pelo docente. A geografia tradicional tem sua fundamentação no positivismo, voltada para métodos mensuráveis de conhecimento. Assim:

a inteligência parcelar, compartimentada, mecânica, disjuntiva, reducionista, quebra o complexo do mundo, produz fragmentos, fraciona os problemas, separa o que é ligado, unidimensionaliza o que e multidimensional. Trata-se de uma inteligência míope, presbita, daltônica, zarolha. Elimina na casca todas as possibilidades de compreensão e reflexão, matando assim todas as chances de julgamento corretivo ou de visão a longo termo (MORIN, 1999, p.31 apud STRAFORINI, 2001, p.29) .

A geografia escolar de base positivista se preocupava quanto ao conhecimento do mundo, entretanto o fragmentava, não incluindo o aluno como fator indispensável na construção do saber. O livro didático teve seu ápice ao ter conteúdos estabelecidos e fracionários. GEBRAN (1996) apud STRAFORINI (2001), ao analisar o processo no cotidiano das salas de aula verificou que ainda se insistia num ensino de Geografia preocupado com a supervalorização da memória, envolvendo apenas repetições e reproduções de dados em detrimento de seu entendimento e compreensão.

Contestando a Geografia tradicional, surge a chamada Geografia Crítica. Esta se preocupa em questionar a fragmentação do ensino desempenhada pela anterior e coloca em evidencia o processo de socialização e construção do conhecimento. Assim, se inicia a preocupação em incluir, nos estudos geográficos, a realidade e o contexto em que o aluno está inserido.

Para Straforini (2001) Sob a luz da Geografia Crítica é possível que realmente se possa desenvolver um ensino que favoreça a compreensão real e concreta da ação humana através do tempo e do espaço e de suas múltiplas relações e determinações, procurando compreender

o movimento da sociedade sobre o espaço ao longo do tempo, o que poderá ocorrer através de uma visão de totalidade e não de uma visão fragmentada, descritiva e superficial da sociedade. Um ponto essencial na Geografia Crítica é o estudo sobre as desigualdades sociais, incorporando no aluno o sentimento que este pode ser um agente de mudança na sociedade.

Todavia, nenhuma dessas duas concepções vem guiar especificamente o trabalho aqui desenvolvido. Em relação à geografia escolar na infância é imprescindível se fundamentar na Geografia Humanística. Esta, conforme Lopes (2013) “busca compreender a percepção e representação do espaço por indivíduos, entendendo seu caráter único, singular, ao mesmo tempo em que reconhece o seu pertencimento e compartilhamento a um determinado grupo cultural”. Desse modo, se objetiva trazer o que se encontra mais próximo do aluno, ou seja, o lugar onde se estabelece seu cotidiano.

## **2.2. Mundo Contemporâneo**

O mundo contemporâneo se encontra efetivamente marcado pela globalização. Cavalcanti (2008) entende a globalização como um fenômeno de eliminação de fronteiras entre os países de todo o mundo, que afeta múltiplos campos: cultural, tecnológico, social, econômico, etc., e que traz como consequência a construção de espaços de relações integradas.

Nesse contexto, ao tratarmos sobre leitura de mundo, precisamos significar como as relações sociais têm sido desempenhadas atualmente. Sendo assim, entra o estudo desse fenômeno que integra várias culturas em escala local, regional ou global. Uma consequência da globalização é o avanço acelerado das tecnologias, fazendo com que seja possível a maior familiarização com diferentes culturas, tendo acesso através dos meios de comunicação a lugares desconhecidos.

Segundo Cavalcanti (2008) é importante destacar que as formas de vida das sociedades atuais são predominantemente urbanas, o que implica a existência de interações cotidianas múltiplas. Com as regiões cada vez mais integradas surge o multiculturalismo, quando através da comunicação mais extensa com grande parte do mundo em um tempo pequeno, começam a acontecer novos processos de formação de identidade.

A geografia busca, assim, estruturar-se para ter um olhar mais integrador e aberto, ao mesmo tempo às contribuições de outras áreas da ciência e as

diferentes especialidades em seu interior; um olhar mais compreensivo, mais sensível às explicações do senso comum, ao sentido dado pelas pessoas as suas práticas sociais CAVALCANTI (2008).

Torna-se importante perceber como o sujeito lida na contemporaneidade de um mundo globalizado, como ele se vê integrado no lugar onde mora e como sua identidade pode estar entrelaçada a este. Assim, a geografia dá mais abertura ao contexto social, aos relatos feitos pelo sujeito, notadamente sobre suas memórias do lugar.

### **2.3. A importância do ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**

A partir de uma breve discussão sobre as transformações relativas à geografia, podemos prosseguir para a reflexão sobre o papel da geografia nos anos iniciais do ensino fundamental.

A geografia tem ganhado um espaço limitado no contexto escolar e a partir disso surge o questionamento do porque está ocorrendo esta desvalorização por parte das escolas. Dessa forma, o primeiro ponto a ser discutido é sobre o porquê se deve aprender geografia e qual a sua importância para os anos iniciais do ensino fundamental.

Os anos iniciais do ensino fundamental estão centralizados na alfabetização da criança, sendo assim, é imprescindível que ocorra

uma unidade em que se supere a fragmentação das disciplinas e das responsabilidades, em práticas orientadas por e para linhas e eixos temáticos e conceituais interdisciplinares, não apenas uma justaposição de disciplinas enclausuradas em si mesmas, mas de uma maneira que, em cada uma se impliquem as demais regiões do saber (Marques, 1993, apud CALLAI, 2005, p.231).

Deste modo, se deve perder a mentalidade de que só português e matemática possuem extrema importância na alfabetização da criança, sendo essencial perceber que a aprendizagem necessita de um conhecimento de mundo e não de questões fragmentadas.

A geografia tem seu espaço ainda limitado no ambiente escolar por ser ensinada tradicionalmente de forma desconectada da realidade, onde, na maioria das vezes, se limita à



leitura de um texto no livro didático e das questões propostas por esse. Assim, se restringe a um conteúdo restrito, sem fazer com que se integre à vivência do aluno, seu cotidiano e seu conhecimento : “Em geral opera com questões desconexas, isolando-as no interior de si mesmas, em vez de considerá-las no contexto de um espaço geográfico complexo, que é o mundo da vida.” (CALLAI, 2005, p. 229). Desta maneira, se torna importante reconhecer o saber da criança, buscando entender como faz a leitura do espaço e se reconhece construtora desse.

VESENTINI (1999, apud STRAFORINI, 2001) é categórico ao afirmar que com a globalização a escola não tem somente a função de desenvolver a inteligência, o senso crítico, a criatividade e a iniciativa pessoal, mas também discutir os grandes problemas do mundo. E é nessa problematização que a geografia entra como disciplina que impulsiona os alunos a conhecerem o mundo e as transformações que os rodeiam. Mais do que ver, é compreender as mudanças, tanto do presente como do passado, e os processos que as desencadearam. Para entender o mundo é necessário que a criança se veja como parte atuante e modificadora desse e não somente como observador estático. Assim se estabelece o conceito e a construção da noção de cidadania, se estudando a cultura para compreender as relações sociais materializadas em um determinado território.

Segundo AZAMBUJA (1991 apud STRAFORINI, 2001), a Geografia comprometida com o cidadão deve ensinar o ato de pesquisar pois, ao trabalhar com a realidade, o aluno vai perceber os motivos humanos nos estudos das informações e que compreender o todo é mais importante que saber tudo. Também ALMEIDA (1999: 83 apud STRAFORINI, 2001: 24), aponta que Geografia tem por finalidade *"munir os alunos de conhecimentos que lhes permitam agir de modo mais lúcido ao tratar das questões que têm a ver com a ocupação e gestão do espaço em diferentes níveis. O ensino de Geografia tem, portanto, papel decisivo na formação para a cidadania."*

Segundo Cavalcanti (2008) “a geografia escolar não se ensina, ela se constrói, ela se realiza. Ela tem um movimento próprio, relativamente independente, realizado pelos professores e demais sujeitos da prática escolar que tomam decisões sobre o que é ensinado efetivamente.” Dessa forma, o ensino de geografia deve ser articulado entre professor-aluno e sociedade, fazendo com que ambas as partes participem do processo de conhecimento. O

professor ao superar a especificidade limitada do livro didático, abre a oportunidade de produzir conhecimento a partir da realidade do aluno.

Nessa perspectiva, a geografia nas séries iniciais possui a oportunidade de entrelaçar as histórias sociais dos sujeitos, construindo reflexões sobre o espaço vivido e traçando objetivos que façam sentido, fugindo da mera memorização. Assim, entra a leitura do mundo e o reconhecimento do lugar onde se habita.

A leitura do mundo envolve a percepção da criança, abrindo caminho para a produção do próprio conhecimento. Saindo do estado neutro onde só se recebia informações para o estado de ação, onde se encontra a curiosidade e a motivação para aprimorar sua representação sobre o que se encontra a sua volta.

Portanto a contribuição da geografia no nível inicial do ensino, no qual a criança passa pelo processo de alfabetização, não se dá como acessória, mas como um componente significativo (assim como as demais áreas) na busca do ler e do escrever. Ao ler o espaço, a criança estará lendo a sua própria história, representada concretamente pelo que resulta das forças sociais e, particularmente, pela vivência de seus antepassados e dos grupos com os quais convive atualmente (CALLAI, 2005, p.237).

### **2.3.1. O Lugar na Geografia Escolar**

A geografia escolar nos anos iniciais do ensino fundamental trabalha com os estudos sociais, considerando como ocorre a estruturação da sociedade em suas dimensões políticas, econômicas e também culturais. Desta forma, o estudo do lugar concede importância também à análise da própria comunidade local, possibilitando a compreensão do espaço onde o aluno está inserido. Nesse sentido:

Compreender o lugar em que se vive encaminha-nos a conhecer a história do lugar e, assim, a procurar entender o que ali acontece. Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, os lugares são repletos de história e situam-se concretamente em um tempo e em um espaço fisicamente delimitado. As pessoas que vivem em um lugar estão historicamente situadas e contextualizadas no mundo. Assim, o lugar não pode ser considerado/entendido isoladamente. (CALLAI, 2005, p.237)

O lugar pode refletir a história do sujeito, revelando as condições que o levaram a chegar ou a permanecer ali. É buscar a compreensão da realidade a partir do que está mais

próximo, ou seja, o cotidiano. Também não se especifica o lugar como propulsor único e capaz de levar a compreensão do mundo, pois:

Não se espera que uma criança de sete anos possa compreender toda a complexidade das relações do mundo com o seu lugar de convívio e vice-versa. No entanto, privá-las de estabelecer hipóteses, observar, descrever, representar e construir suas explicações é uma prática que não condiz mais com o mundo atual e uma Educação voltada para a cidadania (STRAFORINI, 2001, p. 56-57).

O lugar espelha uma série de condições políticas e econômicas que estruturaram as dinâmicas sociais. Assim se inicia a análise do espaço construído, a partir das relações sociais que foram travadas ali. Segundo Leite (2012) “a Geografia Humanística considera a valorização do ser humano e nesse contexto revaloriza os conceitos de paisagem, lugar e região, destacando a existência dos sujeitos e de seu sentimento de pertencimento a um dado espaço”. A geografia ultrapassa o conceito espacial para adentrar a partir dele a construção da identidade do sujeito, fazendo com que a comunidade seja percebida como detentora de memórias comuns. Num mundo marcado pela globalização, a geografia escolar incorpora o pertencimento a um determinado local, evidenciando que o espaço não se constitui apenas de delimitações territoriais, mas também de histórias. Assim, “Ler o mundo vai muito além da leitura cartográfica, cujas representações refletem as realidades territoriais, por vezes distorcidas por conta das projeções cartográficas adotadas”. (CALLAI, 2015, p. 238)

A partir da organização espacial e histórica do lugar podem se desenvolver observações e análises sobre acontecimentos relativos a esse. Portanto, o aluno poderá:

se reconhecer como cidadão que tem direitos e deveres ao pertencer à sociedade, e nela a diversos grupos sociais, que tem uma história construída por todos, que têm um tempo acontecido com diversos fatos importantes para si e para o conjunto da sociedade, e que vive num espaço que é construído cotidianamente a partir do trabalho dos homens que ali vivem (CALLAI, 2000, p.89 apud LEITE, 2012, p.31).

O professor como mediador da aprendizagem tem que conhecer o lugar do aluno para poder desencadear esse processo de apropriação geográfica. O conhecimento por parte do docente se torna essencialmente necessário, a fim de que aconteça uma relação dialógica com o educando; caso contrário, se tornará mais um conteúdo sem intencionalidade definida. “Desse modo, o resgate do Espaço Vivido da criança será a maneira pela qual ela irá desenvolver a habilidade de perceber o espaço, condição inicial para que possua,

posteriormente, condições de perceber não só o aspecto de totalidade do espaço, mas principalmente seu “pertencimento” a esse. (LEITE, 2002, p.27)

### **2.3.2. Brasília e Regiões Administrativas**

A construção da capital da república exigiu a vinda de trabalhadores, oriundos de diversas localidades. Para que essa ficasse pronta no período determinado foi necessária à contratação de pessoas de várias regiões do Brasil, em virtude da magnitude da obra. Assim, a área onde seria construída a capital do país, foi tomada pela construção civil, constituindo-se um gigantesco canteiro de obras.

Por se tratar do centro do Brasil e por não haver moradias próximas e estabelecidas para os operários da construção civil e demais trabalhadores não enquadrados no serviço público, ao redor da construção de Brasília começaram a surgir as periferias, denominadas na ocasião de cidades satélites.. O centro do território, correspondente à cidade de Brasília, era reservado aos funcionários públicos e o entorno da capital foi ocupado pelos demais trabalhadores. Assim, começaram a surgir as primeiras cidades e juntamente com elas, os problemas sociais.

Inicialmente, as cidades que apareceram no entorno de Brasília cresceram sem infraestrutura urbana mínima necessária a um bom padrão de qualidade de vida, pois foi pensado que a capital necessitaria de mão de obra para sua construção, mas não se considerou que essa permaneceria na região, ou seja, não ocorreu planejamento prévio para abrigar os inúmeros migrantes que permaneceram no território do DF.

Assim, a produção do território foi moldada pela segregação espacial: Brasília o centro, a capital, para o serviço público, e periferia, onde estão as outras cidades, para os demais trabalhadores. Tal segregação espacial resultou numa história construída sobre diferentes pontos de vista. Enquanto a Brasília era levantada, a subordinação a esta já estava sendo instaurada, pois foi construída por muitos para ser morada de poucos. Assim, o centro já surgiu hierarquizado. A ideia de Brasília ainda gera confusão entre muitos, que consideram todo o DF pelo nome da capital. Concepção errada pois, essa se configura como apenas mais uma cidade do Distrito Federal, aquela que representa a capital do país.

Tal contexto que acarretou a supervalorização de Brasília. Em consequência, as histórias das cidades do DF acabaram não ganhando grande relevância, pois foram construídas concomitantemente com a cidade reflexo de um sonho nacional. Com isso houve a perda das memórias locais e dubiedade quanto à identidade. Apesar do tamanho do território do Distrito Federal, a identidade brasiliense custa a ser extinta, visto que as demais localidades foram construídas sem a devida valorização de suas próprias identidades. A subordinação das histórias e memórias das cidades se manteve em relação a capital, até os dias de hoje. Por isso, no âmbito da escolarização, o estudo do lugar surge com o intuito, também, de restaurar e valorizar as memórias das comunidades locais, a fim de fazer com que a criança se reconheça como pertencente a uma cidade que não Brasília, e com responsabilidades intrínsecas em relação a essa.

Considerando-se que no Distrito Federal não existem municípios, a alternativa para estudo do lugar da criança se refere à cidade em que a escola está inserida. Contudo, os livros didáticos são padronizados para todo o DF, logo não especificam as cidades no contexto das regiões administrativas, nem tampouco suas próprias histórias. Desse modo, o professor tem que buscar os meios necessários para trabalhar tal conteúdo. Nesse sentido, mais do que um texto copiado dos sites das administrações regionais e repassado para os alunos, é preciso que o professor seja, também, um mobilizador da curiosidade das crianças. Por isso se reforça a necessidade do docente conhecer e se informar sobre a localidade em que leciona.

Dessa forma, é essencial que as atividades propostas partam de situações, de problemas significativos e investigativos (práticas sociais) a fim de valorizar os saberes que os estudantes possuem sobre o tema estudado, no sentido de conhecer e compreender os fenômenos (Currículo em Movimento para Educação Básica, p.101).

Diante dessas considerações, o presente estudo contribui com o propósito de resgatar a história das localidades subjugadas a Brasília, a fim de superar um processo marcado pela segregação espacial e social. Nesse sentido, objetiva (re)construir a visão dos alunos sobre suas cidades, buscando reiterar esse lugar como espaço de construções identitárias, de conhecimento e de agregação de valor, a partir do Riacho Fundo II, XXXX região Administrativa do DF, cidade que possui apenas 20 anos e aproximadamente 39.093 habitantes (CODEPLAN, 2013).

### **3. Metodologia**

A opção metodológica desta pesquisa é qualitativa pela necessidade de compreender como o professor constrói a noção de lugar com seus alunos, no contexto dos conteúdos do 4º ano do Ensino Fundamental I, bem como a criança percebe sua cidade. Nesse sentido, tal abordagem permite a compreensão referente à noção de pertencimento que a criança estabelece com sua cidade.. Assim a produção de informações empíricas será realizada por meio de análises dos desenhos dos alunos e posterior grupo focal, diário da pesquisadora, gerados a partir das observações participantes na Escola Classe da Rede Pública de Ensino do Riacho Fundo II.

#### **3.1 Contextos de produção das informações empíricas**

##### **3.1.1. O Lugar: Riacho Fundo II**

O lugar foi escolhido a partir dos conhecimentos prévios da pesquisadora sobre a cidade. Deste modo, optou-se pelo lugar de sua moradia, ou seja, o Riacho Fundo II. A opção foi escolhida por valorizar a vivência da pesquisadora no local, levando em consideração a aproximação mais fácil em relação aos alunos e aos vínculos já estabelecidos com a comunidade local.

O Riacho Fundo II é uma região administrativa consideravelmente nova em comparação com outras cidades. Possuindo apenas vinte e um anos, não foi uma cidade planejada, mas sim resultado de um período de ocupações irregulares, onde as pessoas exigiam terrenos para a construção de moradias. Sendo assim, a cidade foi fundada por meio de protestos e aos poucos foi estabelecendo habitações.

Atualmente, se encontra em contínuo processo de expansão, pois foi contemplada com o programa Morar Bem, fazendo com que vários apartamentos e casas fossem construídos na região, possibilitando o estabelecimento de novos moradores.

No presente, possui comércio relativamente estruturado, postos de saúde, conveniências de bancos e acesso a todos os níveis da Educação Básica. Todavia, é considerada como uma cidade dormitório, pelo fato da maioria dos trabalhadores prestarem serviços em outras regiões administrativas, principalmente em Brasília.



**Figura 1 :** malha viária da RA  
Fonte: google maps



**Figura 2:** Foto da cidade  
Fonte: <http://sistema.blogdogbu.com>





**Figura 3:** Mapa da RA no contexto do DF

Fonte: <http://aurelioschmitt.blogspot.com.br/>

### 3.1.2. A Escola

A Escola pesquisada apresenta, em termos gerais, estrutura física satisfatória, dispondo de salas de aulas em condições favoráveis, pátio amplo, sala de leitura, sala de professores, uma cantina, uma quadra coberta, uma sala para direção, uma sala para secretaria, uma sala de orientação, quatro banheiros e um estacionamento para funcionários.

Todavia, não possui sala de informática e as professoras relatam que os equipamentos da sala de vídeo constantemente precisam de conserto. O aparelho de DVD, por exemplo, frequentemente apresenta problemas e não dispõe de controle remoto, pois esse estragou e não houve reposição. O aparelho de Datashow impõe ao professor a realização de reserva, com um período de antecedência de uma semana, para não coincidir horários de uso, uma vez que há apenas um. Entretanto, é pouco utilizado pelo fato das professoras não saberem como fazer sua instalação.

Esta escola oferta ensino regular do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, nos turnos matutino e vespertino, sendo 13 turmas em cada um deles, totalizando a média de 580 alunos matriculados.

### 3.1.3. Os sujeitos da pesquisa

#### 3.1.3.1. Professores



As professoras participantes dessa pesquisa lecionam no 4º ano do Ensino Fundamental, trabalham na rede pública de ensino do Riacho Fundo II, sede da RA XXI. A primeira é empregada em contrato temporário e a segunda possui vínculo empregatício permanente, com a Secretaria de Educação do DF.

As duas professoras são pós-graduadas em Pedagogia. A primeira tem curso superior de Matemática e a segunda, formação superior em Letras. Ambas relatam que decidiram lecionar no Ensino Fundamental I por terem se decepcionado com a atuação e o reconhecimento do docente nos demais níveis de ensino. Como regentes de turmas, trabalham há mais de três anos nesta escola, integrando o regime de Jornada Ampliada. Ressalta-se que as professoras não são moradoras da cidade e além do vínculo empregatício não possuem outras relações de vivência com a RA.

O conhecimento que tem sobre Geografia é básico e apresentam dificuldades para lecionar a disciplina, pois ambas são graduadas em cursos que não possuem em seus currículos a formação específica para o trabalho em geografia. Em consequência, as aulas são tradicionais, pautadas por reproduções de práticas vivenciadas pelas professoras, ocorrendo o pouco uso de livros didáticos, considerados muito sintetizados e sem condições de atender aos conteúdos básicos estipulados pela SEE.

Tendo em vista que as professoras não tiveram a formação específica para o trabalho em geografia no decorrer dos seus cursos, se torna improvável que as práticas desenvolvidas por estas fujam ao caráter convencional, recorrendo a sites de pesquisa para fundamentarem suas aulas.

### **3.1.3.2. Crianças**

Em relação à participação no grupo focal foram sorteadas 10 crianças, sendo 5 de cada turma e totalizando 6 meninos e 4 meninas.

As duas turmas observadas foram do 4º ano do Ensino Fundamental. A primeira turma era composta por 36 crianças, sendo 20 meninas e 16 meninos. A segunda turma era composta por 30 crianças, sendo 17 meninas e 13 meninos. Ambas as turmas possuíam alunos com idades entre 9 e 10 anos. A maioria das crianças mora no Riacho Fundo II desde o nascimento e nenhuma mora em outra região administrativa.

### **3.2. Instrumentos e materiais**

Os instrumentos utilizados para a aplicação desta pesquisa foram: observação das aulas com registros em diário da pesquisadora, a análise dos desenhos da criança sobre sua cidade e grupo focal com os alunos.

### **3.3. Procedimentos de Construção de Informações Empíricas**

A primeira iniciativa a ser tomada para a construção das informações empíricas foi a escolha de instrumentos de pesquisa que conseguissem atender ao objetivo de analisar como a criança percebe o Riacho Fundo II e como os professores constroem essa noção. Desta forma, se tomou como base as ideias de Vygotsky a respeito da significação (significante-significado), atribuindo a linguagem representada no desenho. Sabendo que a linguagem mediatiza as significações e o reflexo do mundo no desenho da criança (FERREIRA, 2005), optou-se por adotar o desenho como instrumento de pesquisa com os alunos do 4º ano dos anos iniciais. Em decorrência do desenho, também foi propício montar um grupo focal com a perspectiva de verificar nos alunos o conhecimento sobre sua cidade.

O diário da pesquisadora representa um instrumento importante, pois contém o registro das observações feitas nas aulas. A esse respeito é necessário esclarecer, que o processo de observação das aulas foi efetuado no contexto do estágio obrigatório, realizado entre os meses de abril a junho de 2015. Nesse contexto, foram efetuados dezoito encontros, sendo dois destinados à realização de grupo focal.

Os instrumentos utilizados foram elaborados com o objetivo de registrar as informações: identificação da forma como o professor aborda o conteúdo de Geografia; identificação do lugar estudado; o modo como isto é realizado; conceitos de Riacho Fundo II e Brasília; análise dos desenhos das crianças; análise do grupo focal. Para isso contou com um cronograma previamente estabelecido

No primeiro encontro com as professoras foi explicado que o período de estágio resultaria em um trabalho de pesquisa, e que a participação das crianças era fundamental. Sendo assim, foi explicado aos alunos que ocorreriam momentos em que participariam de atividades programadas pela pesquisadora e relativas ao ensino de Geografia.

Como a observação participante foi realizada em duas turmas e o número de alunos ultrapassou o quantitativo de sessenta pessoas, foram delimitados e escolhidos entre esses, dez desenhos para serem analisados.

Os desenhos produzidos pelos alunos tiveram suas informações e análise descritas em tabelas, permitindo identificar os elementos predominantes acerca de determinado tema. O mesmo procedimento foi efetuado em relação ao grupo focal. O diário da pesquisadora contém anotações detalhadas dos encontros, e por isso contribui para as análises, pois apresenta importantes informações a respeito do local, da escola, das crianças entre outras questões observadas.

### **3.3.1. Os Desenhos**

Foi perguntado aos alunos se prefeririam escrever sobre a cidade ou desenhar sobre ela. A resposta foi clara: a maioria preferia desenhar, com a justificativa de que encontravam dificuldades em estruturar textos escritos.

Considerando-se que as professoras já haviam concluído os estudos sobre o Distrito Federal, a construção de Brasília e o estudo do lugar (Riacho Fundo II), foram entregues folhas para que os alunos realizassem desenhos sobre sua cidade, com o tema “O que conheço do Riacho Fundo II”.

Apesar de o grupo ter optado pelo desenho, constatou-se que relutaram em cumprir o combinado, alegando que não sabiam o que desenhar sobre o Riacho Fundo II e que mesmo que soubessem, o desenho não ficaria bom como o esperado.

Deste modo, a pesquisadora pediu para cada aluno explicar sobre o seu desenho antes de acontecer a entrega desses.

Em um encontro posterior, foram estruturadas pela pesquisadora as informações sobre o Riacho Fundo II e construídas as relações entre Distrito Federal, Brasília e Riacho Fundo II.

### **3.3.2. Grupo Focal**

O grupo focal contou com a participação de 10 crianças, mesclando alunos das duas professoras. Foram escolhidos através de sorteio das listas de chamadas, a fim de não gerar

nenhum juízo de valor para a seleção. Sabendo que as professoras do 4º ano elaboraram e usaram o mesmo plano de aula, não existiriam grandes diferenças entre os estudos realizados pelos alunos, pelo fato de estarem no mesmo nível em relação aos conteúdos.

Inicialmente, foi explicado que seria uma conversa que discutiria alguns conhecimentos que eles possuíam sobre o Riacho Fundo II e que isso não resultaria em nenhuma nota a ser obtida na disciplina ou em algum julgamento sobre suas respostas. Sendo assim, notou-se que os alunos se mostraram mais tranquilos, pelo fato de não se encontrarem em uma avaliação acadêmica.

As perguntas apresentaram caráter progressivo, a fim de identificar as percepções deles sobre a cidade, a saber: Você conhece a história do Riacho Fundo II? A cidade surgiu a partir de um planejamento do Governo? Quais foram as primeiras quadras? O Riacho Fundo II possui alguma relação com Brasília? Existem pontos turísticos na cidade?

Antes de ocorrer o segundo encontro com o grupo, foi pedido para que perguntassem aos seus pais, vizinhos ou a moradores mais antigos, sobre a história do Riacho Fundo II. Desta forma, o segundo encontro contou com uma sistematização das respostas dadas nos dois momentos para reconstruir o estudo do lugar com os estudantes.

### **3.3.3. Diário da pesquisadora**

O diário da pesquisadora, como especificado anteriormente, contou com o registro referente a dezoito encontros, sendo assim, o principal objetivo das observações foi identificar o modo como ocorria o ensino de Geografia, quais instrumentos as professoras utilizavam para construir esse ensino, como era realizado o estudo do lugar e suas associações em relação a capital.

## **3.4. Procedimentos de Análise das Informações Empíricas**

### **3.4.1 - Desenhos**

Os desenhos realizados pelos alunos tiveram suas informações sistematizadas na tabela 1 denominada “Desenhos sobre o lugar onde moram”, com os seguintes critérios:

1. Os desenhos mostram elementos do Riacho Fundo II?

## 2. O que desenham?

Após a sistematização em tabela, os desenhos passaram a integrar quatro categorias a fim de agregar as temáticas identificadas nas representações feitas pelos alunos. As categorias são: Riacho Fundo II; Riacho Fundo II com combinação de monumentos da capital; Brasília ou outras cidades; Desenho sem caracterização de cidades.

### 3.4.2. Grupo Focal

As informações do grupo focal foram sistematizadas e transcritas na tabela 2 denominada como “Conhecimentos sobre o lugar” e na tabela 3 denominada como “Comentários sobre o grupo focal”. A tabela 2 conteve os seguintes critérios: questões e posição do grupo. Os questionamentos foram: Como surgiu o Riacho Fundo II? ; Foi uma cidade planejada? ; Quais as primeiras quadras? ; Quais os lugares da sua cidade que vocês acham bonitos ou gostam de visitar? ; O Riacho Fundo II tem pontos turísticos? ; O que significa pontos turísticos? ; O Riacho Fundo II tem alguma relação com Brasília? . Já tabela 3 seguiu os critérios: questões e comentários sobre a posição do grupo.

### 3.4.3 Diário da Pesquisadora

O diário da pesquisadora foi utilizado principalmente para analisar as práticas pedagógicas utilizadas pelas professoras para o ensino de geografia. O processo de análise está aliado aos objetivos da pesquisa, sendo assim, os principais tópicos da observação foram:

- Conceito de lugar trabalhado;
- Construção da identidade mediada pelo lugar: Neste tópico verificam-se como as vivências dos alunos são utilizadas;
- Construção do conhecimento a partir do Riacho Fundo II: Este tópico se refere a como as docentes utilizam exemplos do Riacho Fundo II para mediar outros conhecimentos;
- Construção do Distrito Federal a partir das narrativas das professoras: Nesta categoria se discute como ocorre a construção dos conceitos, se existe conexão no conteúdo e como se dá a estruturação desses;
- Trabalho efetuado com os alunos.

## 4. Apresentação e Discussão dos Resultados

### 4.1. Resultados

Os resultados desta investigação encontram-se divididos em três itens – Desenhos, Grupo Focal e Diário da Pesquisadora.

#### 4.1.1. Desenhos

##### Desenhos desenvolvidos pelos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental I.

Com a finalização do trabalho de campo, os desenhos dos alunos foram reunidos para uma análise preliminar, buscando identificar e compreender quais elementos e contextos foram utilizados pelos estudantes para sua elaboração. Desta forma, foram sistematizados na seguinte tabela:

**Quadro 1 – Desenhos sobre o lugar onde moram**

Especificação	Os desenhos mostram elementos do Riacho Fundo II?		O que desenharam?
	Sim	Não	
Desenho 1	X		Elementos do Riacho Fundo II misturados ao de Brasília.
Desenho 2	X		Embrapa do Riacho Fundo II
Desenho 3		X	Congresso Nacional
Desenho 4		X	Congresso Nacional
Desenho 5		X	Congresso Nacional
Desenho 6		X	Bandeira do Brasil
Desenho 7		X	Bandeira do Brasil
Desenho 8		X	Recanto das Emas
Desenho 9	X		Elementos do Riacho Fundo II misturados ao de Brasília.
Desenho 10	X		Restaurante Comunitário

A partir desta tabela pode-se constatar que os desenhos não representaram apenas elementos do Riacho Fundo II. Desse modo, tais evidências constituíram-se critérios de análise dos desenhos produzidos pelas crianças, enquadrados nas seguintes categorias:

- Categoria 1 – Desenhos com elementos do Riacho Fundo;
- Categoria 2 - Desenhos com elementos do Riacho Fundo II e da capital federal;
- Categoria 3 – Desenhos com elementos de Brasília ou outras cidades;
- Categoria 4 – Desenho sem caracterização de cidades.

Desse modo, os itens que se seguem, apresentam os resultados e a discussão de cada categoria.

#### **4.1.1.1 Categoria 1 – Riacho Fundo II**

##### **Sujeito 1. (9 anos)**

Demonstra, a partir da explicação do desenho, que possui conhecimento sobre o que está desenhando, pois retrata a Fazenda da Embrapa que é localizada na cidade e justifica que o local possui grande importância por desenvolver pesquisas. Assim, complementa a informação ao afirmar que o conhecimento do lugar veio a partir de um passeio realizado pela escola, há uns anos atrás, e que a turma teve a oportunidade de fazer uma visita monitorada no local.

Tal situação evidencia o conhecimento do lugar se deu através de uma experiência vivenciada pela criança, em uma saída de campo promovida pela escola em anos anteriores e que gerou possibilidade de significação.



**Figura 4: Desenho sujeito 1**

## Sujeito 2. (9 anos)

O restaurante comunitário é desenhado por ser um local que faz parte da rotina da criança e notado como um diferencial na cidade, sendo que não são todas que o possuem. O sujeito faz a localização a partir da pista principal da cidade e relata pontos de referência para se chegar ao local.

Nota-se diante do relato da criança que a importância fundamental é atribuída pelo fato de ser um local destinado à comunidade e que se tornou um lugar de entretenimento, visto que é comum famílias se reunirem, principalmente em finais de semana, para o almoço no estabelecimento.



**Figura 5: Desenho sujeito 2**

Assim, no desenho 1 se identifica uma prática pedagógica desenvolvida em anos anteriores e que leva a criança a participar do processo de construção do conhecimento, fazendo com que ela não somente leia sobre o local, mas também tenha a oportunidade de participar de uma visitação. Assim, podemos depreender que a leitura de mundo viabilizada pela geografia escolar acontece a partir de uma oportunidade concedida à criança por meio do estudo do lugar, integrando atividades que estejam assentadas na realidade concreta do educando.

Já o desenho 2 estabelece um contexto a partir das relações vivenciadas pelas pessoas no contexto de sua comunidade, desencadeando questões próprias da vida cotidiana do lugar onde mora.



Desta forma, compreende-se conforme Callai (2005) que “ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades. Em linhas gerais, esse é o papel da geografia na escola.” Os desenhos desta categoria expressam na representação a concretude da própria vivência e da experiência que foram capazes de dar feição ao lugar.

#### 4.1.1.2. Categoria 2 – Desenhos com elementos do Riacho Fundo II e da capital federal

##### Sujeito 3. ( 10 anos)

Neste desenho a criança representa algumas características pertencentes ao Riacho Fundo II, sendo elas a escola, o parquinho e a quadra que são locais próximos, mas não propriamente como a representação feita. O hospital é inexistente na cidade.

Durante a elaboração do desenho a criança relatava que vai com a família constantemente a Torre de TV e que era a parte da cidade que mais gostava, pois é um lugar bonito e espaçoso. Mesmo diante da explicação feita inicialmente de que o desenho deveria ser sobre o lugar onde morava, essa insistia em caracterizar a Torre de TV como parte integrante de sua cidade, mostrando aspectos relativos ao Riacho Fundo II, fundamentalmente a escola, mas incluindo caracterização de Brasília. . Isso evidencia que mesmo moradora do Riacho, essa criança estabelece laços de pertencimento com Brasília, em virtude de suas atividades de lazer, em família, serem realizadas nessa localidade.

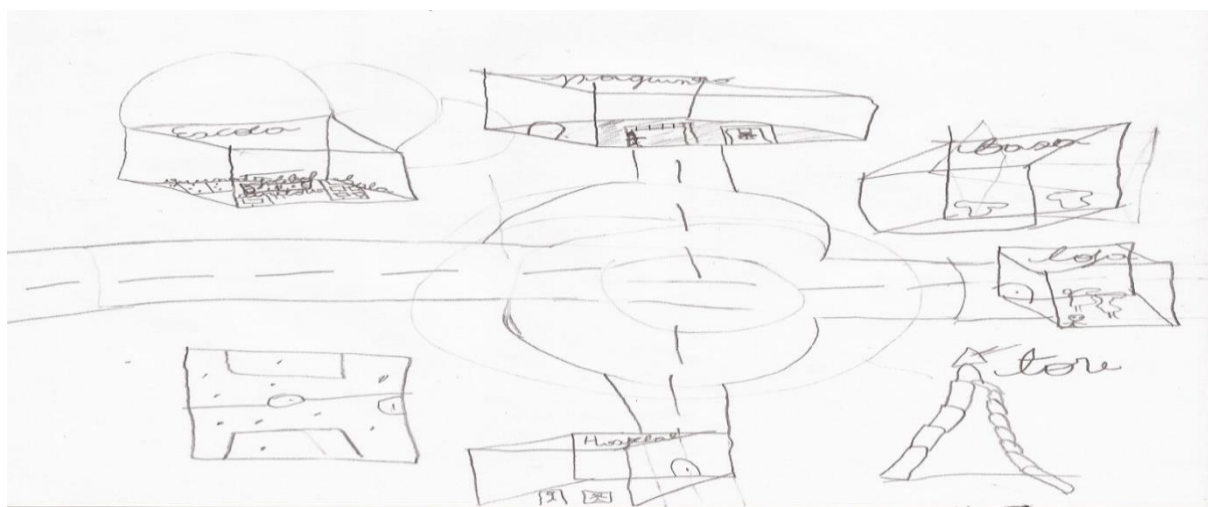


Figura 6: Desenho sujeito 3

#### Sujeito 4. ( 9 anos)

O desenho retrata a placa de entrada do Riacho Fundo II e os novos prédios que foram construídos na cidade. Ao lado a criança diz ser o H do congresso nacional, pois representa um dos lugares mais bonitos e diferentes da cidade.



**Figura 7:** Desenho sujeito 4

Os desenhos representam ambiguidades, pois contextualizam dois locais distintos como sendo o mesmo lugar. Deste modo, compreende-se que as crianças não conseguem se desvincular totalmente da identidade brasiliense e que ocorre uma dispersão da caracterização da própria cidade para incluir elementos referentes à capital. Nota-se que a inclusão de tais elementos surge da necessidade de se colocar algo reconhecido pela beleza, visto que ambos foram caracterizados como tal.

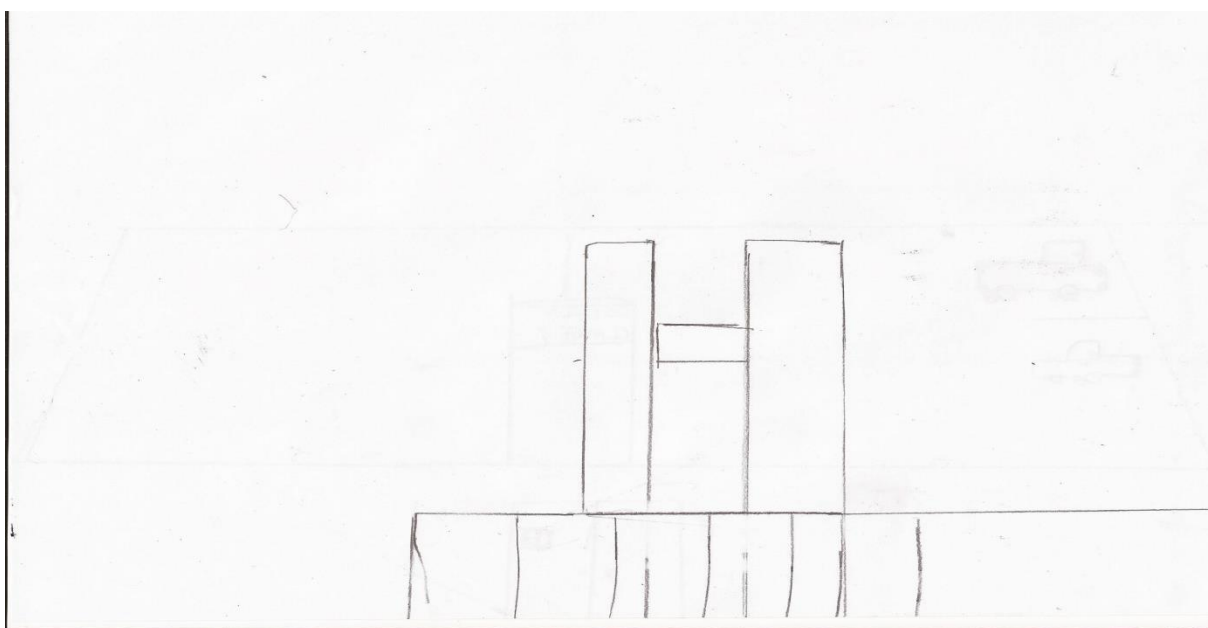
A partir dos estudos realizados pelos alunos compreende-se que o porque dessa relação ambígua, pois é realizado o estudo sobre o lugar – Riacho Fundo II, mas não é o suporte necessários para que a criança se veja como parte integrante da cidade, de sua história e assim, consiga estabelecer vínculos identitários com o lugar. Em relação a Brasília ocorre o contrário, pois os conteúdos escolares são constituídos por histórias interessantes, com problematizações que interligam as vivências das crianças a tais contextos. Importante ressaltar que não se trata de ignorar a importância de Brasília, mas sim considerar que esse conhecimento constitui-se hegemônico, quando comparado às demais histórias das cidades do DF. Nesse sentido, não se trata somente de estudar Brasília, mas também, e principalmente, as

cidades dessas crianças, no sentido de desenvolver sua noção de pertencimento a essas e a partir daí, referenciar Brasília.

#### **4.1.1.3. Categoria 3 – Brasília ou outras cidades**

##### **Sujeito 5. (9 anos)**

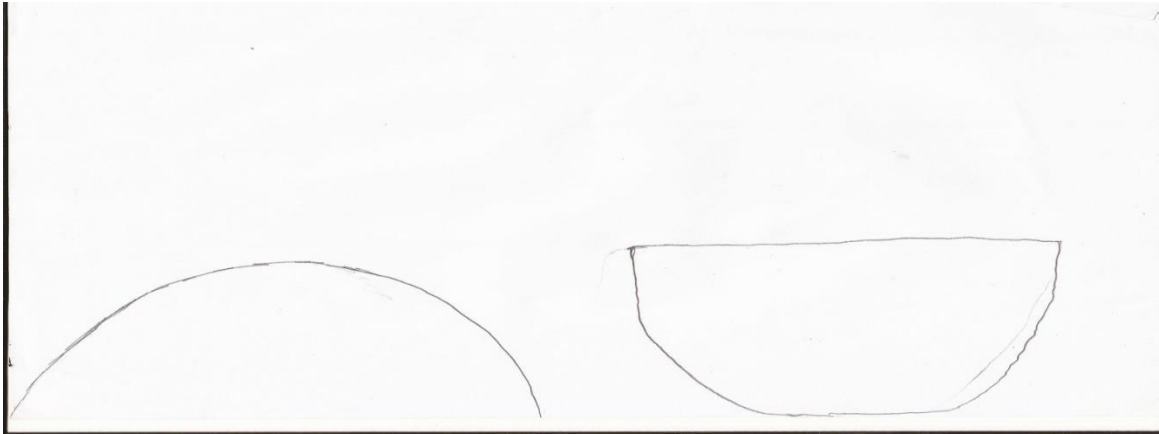
Desenhou o Congresso Nacional por relatar que é um dos locais mais bonitos da cidade e um dos que mais apareceu nos vídeos mostrados pelas professoras.



**Figura 8:** Desenho sujeito 5

##### **Sujeito 6. (10 anos)**

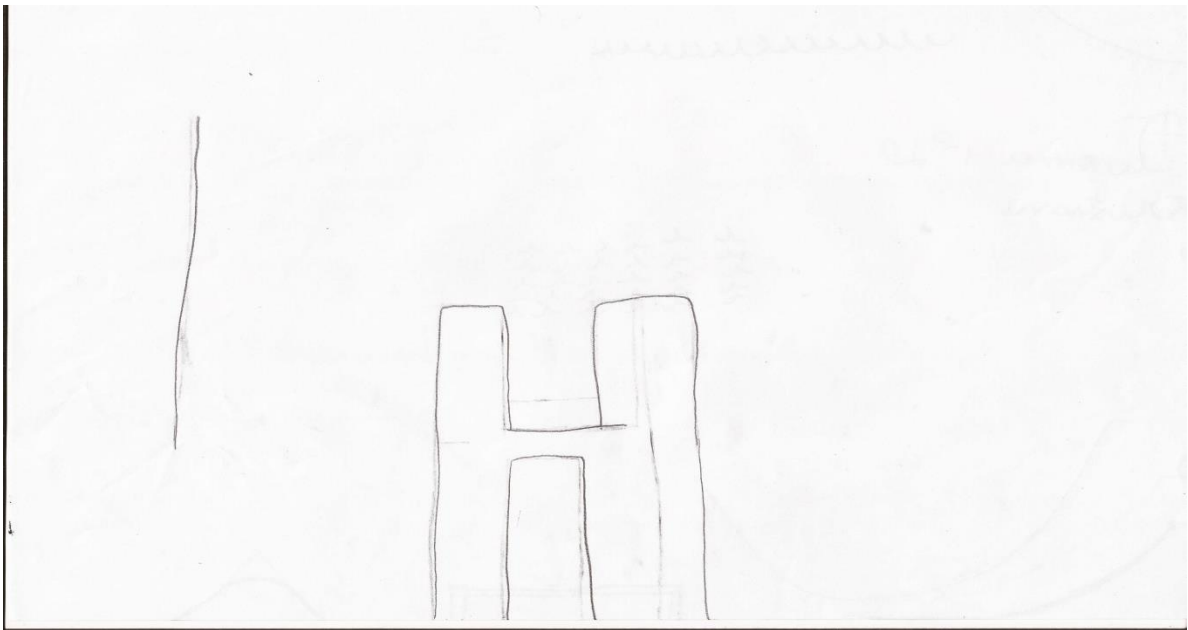
Este desenho representa o Congresso Nacional, mesmo sem o prédio central. A criança decidiu não o fazer, por achar que ficaria torto e feio, mas o considerava muito bonito e que, por isso, optou fazê-lo para representar sua cidade.



**Figura 9:** Desenho sujeito 6

**Sujeito 7 - (9 anos)**

Congresso Nacional representado novamente sob a justificativa de que é um dos principais monumentos da cidade e um dos lugares mais bonitos e importantes de Brasília.



**Figura 10:** Desenho sujeito 7

**Sujeito 8 – (9 anos)**

A criança relata que frequenta muito a cidade e que tem tudo o que precisa, como lojas, mercados grandes, postos de saúde e muitos outros lugares que os pais costumam comentar. Assim, justifica que se identifica bastante com o local e que é uma cidade grande.



**Figura 11:** Desenho sujeito 8

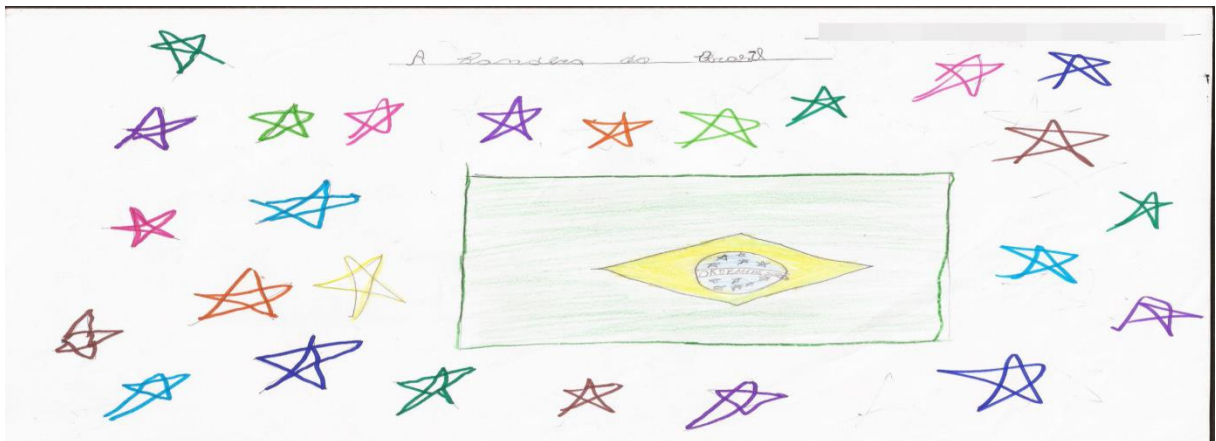
Nos três primeiros desenhos vemos a relação intrínseca das crianças com a capital, caracterizando-a como o seu lugar. Discute-se que aqui está representada a identidade brasiliense resultante da hegemonia estabelecida pelo centro de Brasília sobre as demais cidades, pois enquanto a capital é idealizada na perspectiva simbólica da nação, por ser uma cidade projetada e pela belíssima arquitetura, as demais são estudadas a partir de quantitativos populacionais, expressos numa tabela de RA's, e as poucas referências a essas dizem respeito às comemorações dos aniversários, ou para ilustração de situações de inferioridade social (área de periferia semiurbanizada, por exemplo).

Deste modo, “a história desses lugares deveria ser um ponto a ser considerado para a inserção da temática Brasília, num confronto de tempos no espaço, para evidenciar o modo pelo qual os lugares são produzidos e, principalmente, o papel de cada um nesse contexto”. (Leite, 2012, p.151) Assim, a fim de descentralizar Brasília em relação à população do DF, se contaria a história do Riacho Fundo II situando as demais localidades, estabelecendo referências locais de identificação e criando elementos favoráveis para a formação da cidadania a partir do ensino de geografia.

O quarto desenho já traz a realidade de uma cidade próxima e que a criança possui intensa vivência, a caracterizando como seu lugar. Percebe-se que a identificação se dá a partir da área comercial, julgada melhor do que a do Riacho Fundo II, tanto por ele como pela família.

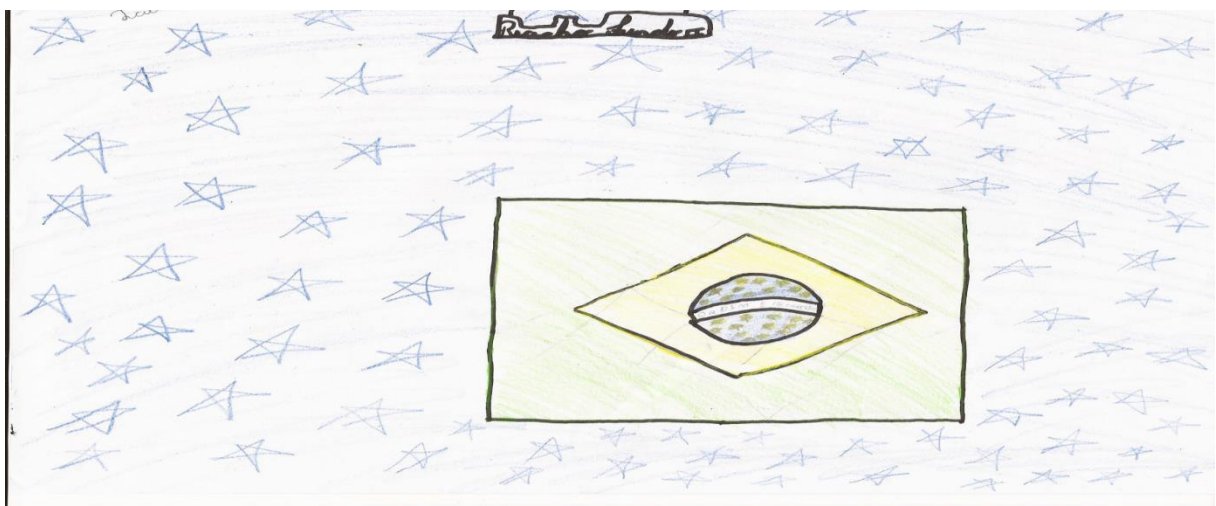
#### **4.1.1.4 – Categoria 4 – Desenho sem caracterização de cidades**

**Sujeito 9 – (10 anos)**



**Figura 12:** Desenho sujeito 9

**Sujeito 10 – (10 anos)**



**Figura 13:** Desenho sujeito 10

As crianças relataram que desenharam a bandeira do Brasil por representar o país e por não saberem o que desenhar sobre a cidade.

Salienta-se que ambas estavam próximas e que a ideia foi copiada, visto que os desenhos possuem as mesmas características. Aqui também se nota o medo do erro, onde é

preferível fazer algo distinto do pedido ao enfrentamento de uma possível crítica pelos colegas ou pela docente.

#### 4.1.2. Grupo Focal

A análise do grupo focal foi realizada a partir da tabela 2 “Conhecimentos sobre o lugar” e da tabela 3 “Comentários sobre o grupo focal”. A primeira tabela sistematiza a posição do grupo a cerca de cada questionamento, enquanto a segunda tabela sistematiza os comentários em relação à posição do grupo.

**Quadro 2 – Conhecimentos sobre o lugar**

<b>Questão</b>	<b>Posição do grupo</b>
Como surgiu o Riacho Fundo II?	As crianças discutem e chegam à conclusão de que não sabem como surgiu. Apenas dizem que a cidade deve ter em torno de 20 anos e que alguns frequentam os aniversários que a administração promove em cada ano.
Foi uma cidade planejada?	Não foi planejada, pois a cidade tem um número pequeno de escolas e algumas surgiram há pouco tempo. Se fosse planejada, seria mais organizada.
Quais as primeiras quadras?	Não temos certeza, mas as primeiras quadras devem ser as do início da QN 14, por que lá tem mais casas próximas, tem vários supermercados e até lojas. Já aqui na QC ainda tem poucas coisas e por isso não devem ter sido as primeiras.
Quais os lugares da sua cidade que vocês acham bonitos ou gostam de visitar?	Aquele prédio lá que parece um H e que os outros parecem duas bacias. Ele é muito legal. A catedral também é linda, por que não é reta, ela é diferente. O museu também é bonito e parece uma bacia. Nós já visitamos lá. As pistas são bem espaçosas.

O Riacho Fundo II tem pontos turísticos?	Não, no Riacho Fundo II não tem ponto turístico. Aqui é um lugar pequeno e quem iria vir visitar?
O que significa pontos turísticos?	Lugares bonitos, diferentes e que muitas pessoas tenham vontade de visitar, ou que tenham histórias importantes.
O Riacho Fundo II tem alguma relação com Brasília?	Não, nós estudamos que o Riacho Fundo II é uma cidade nova em relação às outras. Então, nem deve ter relação.

### Quadro 3 - Comentários sobre o grupo focal

Questão	Comentário
Como surgiu o Riacho Fundo II?	As crianças não conhecem propriamente a história do Riacho Fundo II pelo conteúdo ter sido essencialmente direcionado aos quantitativos e datas festivas, não existindo debates sobre o processo de construção da cidade, sua memória e história.
Foi uma cidade planejada?	A ideia sobre o planejamento de uma cidade se enquadra na premissa da organização, principalmente em relação às estruturas das quadras e aos serviços públicos oferecidos. A noção sobre planejamento foi intensamente explorada nos conteúdos sobre Brasília e por isso as crianças possuem a percepção de como seria a cidade se fosse planejada.
Quais as primeiras quadras?	A lógica da estruturação da cidade é construída a partir do desenvolvimento das áreas comerciais, analisando onde há variedade de estabelecimentos e onde só existem os serviços básicos.
Quais os lugares da sua cidade que	Quando se referencia beleza ou lugares de visitaçao,



vocês acham bonitos ou gostam de visitar?	as crianças imediatamente recorrem a Brasília para caracterizar a sua cidade, fazendo com que o sentimento de pertencimento esteja atribuído àquilo que é bonito, diferente e valorizado por sua história.
O Riacho Fundo II tem pontos turísticos?	A referência ao Riacho Fundo II faz com que os alunos atribuam a cidade a invisibilidade diante dos outros lugares, relatando que é preciso ter espaços notórios para ser visitada.
O que significa pontos turísticos?	A explicação sobre pontos turísticos reafirma o comentário da questão anterior, que está intrinsecamente relacionado a passeios com a família ou visitas promovidas pela escola.
O Riacho Fundo II tem alguma relação com Brasília?	A relação é estabelecida a partir do critério da idade da cidade, não gerando laços com a capital.

Quando o estudo do lugar não propicia o envolvimento com o conhecimento histórico local e do cotidiano, partindo de questões abstratas aos alunos, compreende-se que as relações estabelecidas com este, também estarão fadadas à memorização, sustentadas pelas práticas pedagógicas tradicionais desenvolvidas. Assim, os alunos pouco aprendem sobre seu lugar e quando o fazem se restringem à memorizar, quando muito, a idade da RA e a sua data de aniversário.

É importante que o estudante compreenda os fatos e os processos históricos, para que, desse modo, possa referenciá-los espacial e temporalmente, possibilitando novas e diversas relações de aprendizagem, ao abandonar a memorização mecânica incentivada por práticas pedagógicas sustentadas no positivismo histórico desde o século XIX. (Distrito Federal, 2010, p.100).

Deste modo, a partir dos relatos, constata-se que as crianças sobrevalorizam Brasília em detrimento de sua própria cidade, que é o Riacho Fundo II, pois ressaltam a beleza e a história de Brasília e, sequer, mencionam suas cidades.

Portanto, nesse contexto o processo de ensino e aprendizagem deve ser sustentado por uma postura profissional emancipatória que coordena e articula, o que se dá por meio de uma ação didática que explore e problematize experiências, ao propor situações desafiadoras que sejam

reflexivas e ampliem as possibilidades de aprender. (Currículo em Movimento para Educação Básica, p.101)

Destaca-se que a importância dada a Brasília, no fazer didático-pedagógico do professor, acarreta a desvalorização do Riacho Fundo II, para os próprios alunos, moradores dessa cidade. Essa invisibilidade é decorrente da ausência de um processo formativo, que conduza o aluno a perceber seu lugar, analisá-lo e discuti-lo, criticamente, para construção dos conceitos geográficos pertinentes, no intuito de promover a significação desses.

#### **4.1.3. Diário da Pesquisadora**

O diário da pesquisadora é proveniente das anotações realizadas durante o período de estágio na escola. Assim, as informações foram organizadas em tópicos a fim de facilitar as discussões.

- Como a noção de Riacho Fundo II é construída pelas professoras em suas aulas

A noção de Riacho Fundo II construída pelas professoras em suas aulas se baseiam, principalmente, em informações fornecidas pelo site da Administração Regional do Riacho Fundo II, referentes à essa RA. Assim, a abordagem desse assunto parte da lista de todas as RA's do DF, com destaque àquelas que surgiram concomitantemente a Brasília. Tal atividade é complementada pelo mapa do Distrito Federal, para identificar as cidades que se encontram mais próximas do Riacho Fundo II.

Ao abordarem a história da cidade, as professoras explicam a origem do seu nome, decorrente do Riacho Fundo I. Esse foi inspirado no Ribeirão Riacho Fundo, daquela localidade. Assim, explica-se que o Riacho Fundo II surgiu do parcelamento do Riacho Fundo I.

A infraestrutura da cidade da cidade é discutida pelas professoras. Nesse sentido, entra em discussão a pressão sobre os equipamentos públicos e serviços da cidade, decorrente do aumento da demanda. Essa é resultante de alguns programas sociais, que alocaram expressivo contingente populacional na localidade. Tal situação ocasionou a construção de vários prédios, sem que houvesse o correspondente aumento de serviços, notadamente postos de saúde, escolas públicas e até mesmo áreas dotadas de saneamento básico. Em consequência, observa-se que os recursos não são acessíveis a todos.

Como conteúdos formais sobre a cidade, as professoras trabalharam com temáticas sobre data da fundação e aniversário da cidade, população, comércio, serviços públicos oferecidos e nome do atual administrador.

Deste modo, o estudo do Riacho Fundo II se fundamenta em informações fornecidas pela Administração Regional. Desse modo, o conhecimento do lugar se faz pelos dados oficiais, cobrados por meio de questionários. Tais informações, obtidas por meio da administração regional, não conduzem a criança a conhecer as histórias e memórias do seu lugar, pois a quantidade de habitantes, o número da RA e os nomes de antigos ou do atual administrador não propiciarão à criança a valorização do seu lugar, mas apenas a memorização de informações, para possíveis questionários, se distanciando de uma perspectiva de geografia crítica.

Nesse contexto, as professoras não perguntam para as crianças sobre a sua cidade, ignoram suas opiniões e vivências diante do tema. Em consequência, ocorre a desvalorização da memória do lugar, visto que as referências são estabelecidas a partir de Brasília e suas histórias.(juntar) O sujeito é levado a perceber que suas memórias e identidade são referenciadas em Brasília, pois a construção desse tema foi efetivada a partir de trabalhos feitos com a colaboração da família. A capital, mesmo não sendo uma realidade tão próxima, é concretizada a partir do seu enaltecimento e da valorização da sua história. Essa situação causa o distanciamento das próprias vivências do sujeito, em seu contexto, quando os significados do seu lugar são desconsiderados em favor de uma realidade externa a sua.

Nesse processo, percebe-se que quando o Riacho Fundo II é citado nas narrativas das professoras sem utilização de dados relativos à gestão, aparecendo mais pelos seus problemas. Assim, a participação dos alunos se efetiva apenas no sentido de relatar os transtornos identificados na cidade. Tal situação impõe o questionamento: como é possível construir uma identidade, se apenas são ressaltados os pontos negativos do lugar? Por que não são resgatadas as memórias de quem viveu ou vive nesse lugar, no sentido de valorizá-las? Portanto, no contexto educativo, observa-se que a cidade é considerada apenas como parte do DF, com um nome na lista de RA's, pelos seus problemas. Por isso não se constituem elementos passíveis de significação, nem tampouco de mediação pedagógica, que poderia resultar no próprio processo de construção de identidade e cidadania.

- Conceito de lugar

O conceito de lugar - O Riacho Fundo II - aparece, apenas, no contexto dos dados fornecidos pela Administração Regional, que enfatizam datas comemorativas da cidade. Como conteúdo formal é, tão somente, mais uma região administrativa do Distrito Federal.

As atividades pedagógicas estão relacionadas a uma identidade nacional e não ao lugar onde a criança mora. Deste modo, ocorre a desvalorização daquilo que lhe é próprio, de suas vivências, em decorrência da valorização hegemônica de uma realidade externa a criança.

Nesta perspectiva, o conceito de lugar refere-se à Brasília, que é o fundamento para estudo do DF.

- Construção do conhecimento a partir do Riacho Fundo II

O uso do mapa do Distrito Federal propicia a compreensão sobre a localização do Riacho Fundo II nos contextos das regiões administrativas e da região centro-oeste.

A noção de economia do DF é ensinada a partir do comércio local, exemplificando serviços prestados por alguns pais, como mães que trabalham em salões de beleza, serviços em mercados e serviços agrícolas, indicando a zona rural da cidade.

A partir das áreas rurais localizadas no CAUB I e no CAUB II (Conglomerados Agrourbanos de Brasília), setores pertencentes à RA, são introduzidos os conceitos de zona rural e zona urbana, estabelecendo as distinções entre esses locais no lugar.

O Riacho Fundo II não é usado como referência no processo de construção de conhecimento em outras disciplinas.

Considerando-se que a mediação pedagógica realizada pelo professor é fundamental no processo de construção do conhecimento, e que o lugar não é adequadamente considerado no contexto dessas mediações, pode-se deduzir que noção de pertencimento e valorização do Riacho Fundo II não será plenamente desenvolvida pelo processo de escolarização, em geral, e pela geografia, em particular. As professoras, ao usarem conceitos abstratos aos alunos, dificultam seu entendimento e os distanciam da possibilidade de fortalecer as relações identitárias com o lugar, a partir dos conceitos trabalhados.

- Trabalho efetuado com os alunos

As professoras declaram que recorrem a pesquisas na internet, usando a justificativa de que o livro didático não traz o conteúdo referente à cidade da criança. Desta forma, selecionam textos e repassam aos alunos por meio da cópia em quadro negro.

A abordagem do conteúdo relativo ao Riacho Fundo II se restringiu à cópia do texto e a um debate sobre os serviços públicos oferecidos na cidade, as festas comemorativas e as melhorias que deveriam ser realizadas.

As atividades realizadas com os alunos não propiciam a noção de pertencimento ao Riacho Fundo II, visto que não são propostos trabalhos que façam com que ocorra a interação do aluno com o seu lugar de moradia e não provoque a valorização e o sentimento de pertencimento quanto a este.

As possibilidades de aprender a cidade são interrompidas a partir do momento em que o conteúdo é movido pela impessoalidade e compostos de informações externas ao contexto do aluno. Assim, não representam construções coletivas capazes de propiciar a construção da cidadania.

Deste modo, por meio dos trabalhos desenvolvidos a partir de informações da internet, as professoras reforçam questões que não representam significação para as crianças. As hegemonias identitárias de Brasília em relação ao Riacho Fundo II é acentuada quando as professoras envolvem a família dos alunos em trabalhos referentes à Brasília, mas não estabelecem a mesma situação com o estudo do lugar.

- Construção da identidade mediada pelo lugar

As construções identitárias são feitas a partir de Brasília. Os conteúdos referentes ao Distrito Federal contextualizam Brasília como ponto de partida. A capital é reverenciada pelo marco da sua história e o sentimento de pertencimento dos alunos se atribui a ela.

As atividades pedagógicas reafirmam este pertencimento a cidade em detrimento do Riacho Fundo II, trazendo trabalhos contínuos. Assim, foram passados vídeos sobre Brasília, realizado debate sobre história, construção e importância da capital. Em outra ocasião foi solicitado trabalho para casa sobre os pontos turísticos, sendo realizado por desenho em cartolina e exposto no mural da escola.

Ocorre também a explicação sobre a importância de Brasília para as cidades do entorno, salientando a discussão sobre a capital gerar mais empregos do que as cidades locais ou entorno.

As mediações estabelecidas pelo lugar Brasília são feitas a partir da disponibilidade de diversos materiais para consulta. Nesse sentido, a facilidade em desenvolver trabalhos sobre a capital, fortalece a perspectiva de seu imaginário simbólico, fazendo com que esta seja idealizada a partir de seus monumentos.

Nota-se ainda que a dificuldade de informações referente ao Riacho Fundo II se torna um empecilho para as professoras, fazendo com que estas optem pelo caminho mais fácil e não reconheçam a primazia que esses conhecimentos poderiam gerar nas relações de ensino-aprendizagem, reforçando a importância suprema conferida a capital da república.

- Construção do Distrito Federal a partir das narrativas das professoras

As professoras iniciam o conteúdo a partir da localização espacial, utilizando inicialmente o mapa mundi para referenciar em qual continente e em qual América se encontra o Brasil, e posteriormente utiliza o mapa do Brasil para fazer a localização da Região Centro-Oeste e do DF, salientando onde se encontra o quadrilátero. Destacam que o DF não possui municípios e sim regiões administrativas, não possuindo prefeitos, mas sim administradores.

Como trabalho sobre o Distrito Federal, foi sorteado para cada aluno uma região administrativa para realização de pesquisa e posteriormente ocorreram as apresentações para a turma.

Evidencia-se também que professoras abordam os conteúdos referentes ao DF a partir de Brasília. Nesse sentido, iniciam o marco temporal a partir das razões que levaram a transferência da capital e depois começam a introduzir as questões relativas a construção de Brasília.

Todavia, as razões políticas se perdem rapidamente diante do enaltecimento da capital da república, onde a arquitetura, a localização no centro do país e a concretização de um sonho nacional constroem sua hegemonia.

O DF tem assim sua história construída pelas professoras a partir da construção de Brasília. Esta por sinal é dignificada como aquela que foi planejada e moldada pela sua beleza e eu trazia consigo o ideal de progresso a partir das diversas oportunidades de empregos.

Assim, as diversas regiões administrativas são mostradas por meio da capital, exemplificando que estas surgiram como periféricas ao centro, pelo fato dos trabalhadores que vieram construir Brasília se estabelecerem nessas regiões.

Deste modo, ao mesmo tempo em que as professoras relatam problemas sociais provenientes do período de construção da capital, como por exemplo, a falta de moradia digna para os trabalhadores, contrariam esta noção ao segregarem as outras RA's, visto que a capital primordialmente é ensinada a partir dos ideais de sua construção, enquanto as demais são ensinadas a partir de pesquisas da internet ou sob pontos negativos da estruturação enquanto cidade.

## **5. Considerações Finais**

Iniciamos nossas considerações finais destacando a importância do ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental e enfatizando que infelizmente esta ainda é considerada como pouco relevante ao conhecimento do aprendiz, a notar que os conteúdos são trabalhados de forma mecanizada.

Assim, após o período de observação participante foi possível notar uma grande deficiência sobre o estudo do lugar nas aulas de Geografia. Poucos alunos conseguiram caracterizar elementos próprios de sua cidade sem interferências relativas a capital. Assim, sabendo que no 4º ano do Ensino Fundamental se estuda o município, configurado como o seu lugar, considera-se que no Distrito Federal a Região Administrativa da criança assuma tal configuração.

Todavia, diante dos resultados apreendidos nesta pesquisa compreende-se que as práticas escolares desenvolvidas pelas professoras no trabalho em Geografia, tendem a valorização identitária de Brasília sobre o Riacho Fundo II, provocando o distanciamento e a negação do lugar de vivência do aprendiz.

Atesta-se a partir deste trabalho que o Riacho Fundo II pouco aparece no conteúdo e que se configura no ensino como mais uma RA do Distrito Federal, tendo sua perspectiva moldada a partir de dados referentes a gestão e adquiridos por meio de sites, fazendo com que não contribua na construção do conhecimento em Geografia ou outras áreas. Deste modo, o ensino acontece a partir da memorização, recorrentes do ensino tradicionalista e destituídos de criticidade.

Nesse processo, percebe-se através dos desenhos e do grupo focal que a identidade das crianças ainda está interligada essencialmente a capital, visto que esta se apresenta nos estudos, hegemônica pela sua beleza, pelas suas relações de poder e ainda caracterizada no estudo do lugar, onde a própria cidade de moradia se torna subordinada.

Assim, admitimos que o professor é um agente fundamental na construção da identidade da criança a partir do estudo do lugar, visto que este pode estimular os alunos a se perceberem a partir de suas vivências e das memórias provenientes do lugar, construindo a noção de pertencimento. Entretanto, percebemos que a noção de estranhamento notada nesses alunos está relacionada ao desconhecimento da geografia do seu lugar.



Diante das problemáticas que desencadearam a elaboração desta investigação, depreende-se que a perspectiva do pertencimento é subsidiada a partir dos sentimentos, memórias e vivências do indivíduo, fazendo com que essas relações no processo de ensino-aprendizagem possam auxiliar na significação e construção da identidade a partir do estudo do lugar.

Nessa situação, confere-se que o Riacho Fundo II não é utilizado nas mediações necessárias à construção do conhecimento, pois as relações cotidianas estabelecidas no lugar não são inseridas no processo de ensino-aprendizagem. Assim, isso se depreende da falta de informações construtivas sobre a cidade, da restrição participativa dos alunos diante do estudo do lugar e da redução de sua história a dados populacionais.

Em relação a Brasília ressalta-se que a presente pesquisa não possui o objetivo de menosprezar sua importância no ensino, mas apenas considerar que a história das demais RA's não devem estar subordinadas a esta, pois provocam a construção de hegemonias e a desqualificação das diversidades culturais.

Deste modo, se o estudo em Geografia é voltado para o DF, infere-se que este será mais construtivo sendo realizado por meio das experiências das crianças a partir do seu local. Entretanto, os conteúdos se concretizam a partir de Brasília e ainda sob a consequência das professoras o tratarem de forma impessoal.

Tal situação, aponta para o fato de que as professoras não tiveram a formação adequada para o ensino em geografia, visto que ambas não a possuem nos currículos de seus cursos, e assim renovam em suas práticas concepções tradicionalistas e que viabilizam o conteúdo como passado, mas não construído.

Por fim, espera-se que a presente pesquisa possa contribuir na perspectiva de que a Geografia Escolar passe a ser valorizada nos anos iniciais de escolarização, sabendo que esta também possui grande importância na formação da criança enquanto cidadã. Assim, se evidencia o reconhecimento de que o DF possa ser estudado a partir das perspectivas dos próprios lugares dos alunos, atribuindo o conhecimento crítico e a oportunidade de uma formação que promova a cidadania.

## **PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS FUTURAS**

Posso dizer que durante o curso não vivi só as certezas e por isso creio que mesmo depois de concluir a graduação, continuamos nos reinventando e nos questionando como a nossa formação continuará. Desta forma, terminamos uma etapa já imaginando a próxima e fazendo com que os sonhos continuem a caminhar conosco. Sendo assim, tenho a perspectiva de seguir meus estudos fazendo mestrado e posteriormente doutorado.

## Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: História, Geografia / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 166p.

CALLAI, Helena Copetti. *Aprendendo a ler o mundo: A Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental*. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.

CAVALCANTI, Lana de Souza. “Concepções de Geografia e de Geografia Escolar no mundo contemporâneo”. In: *A Geografia Escolar e a Cidade: Ensaio sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana*. Campinas: Papirus, 2008, p.15-37.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. *Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD 2015 Riacho Fundo II – RA XXI*. Disponível em: [http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/pesquisa\\_socioeconomica/pdad/2015/Apresentacao\\_PDAD\\_Riacho\\_Fundo\\_II\\_2015.pdf](http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/pesquisa_socioeconomica/pdad/2015/Apresentacao_PDAD_Riacho_Fundo_II_2015.pdf) . Acesso em: 07/11/2015.

LEITE, Cristina Maria Costa. *O Lugar e a Construção da Identidade: os significados construídos por professores de Geografia do Ensino Fundamental*. Brasília, 2012.

LIMA, Janete Aparecida de; THOMAZ, Sergio Luiz. *O estudo do lugar e a formação do aluno cidadão*. Disponível em <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=129>. Acesso em: 10/05/2016.

LOPES, Jader Janer Moreira. *Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias*. R. Educ. Públ., Cuiabá, v. 22, n. 49/1, p. 283-294, maio/ago. 2013.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. *L. S. Vygotsky: algumas Idéias sobre Desenvolvimento e Jogo Infantil*. Disponível em [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_02\\_p043-046\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_02_p043-046_c.pdf). Acesso em: 07/12/2015.

VIGOTSKI, Lev S. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática, 2009.

DISTRITO FEDERAL\_ Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. *Currículo de Educação Básica – Ensino Fundamental, Série Anos Iniciais*. Brasília: SEE-DF 2010. Disponível em “<http://www.se.df.gov.br/sites/400/402/00003279.pdf>”. Acesso em: 10/02/2016. Acessado em: 16 ago. 2011.

STRAFORINI, Rafael. *Ensinar Geografia nas Séries Iniciais: O Desafio da Totalidade Mundo*. Campinas, São Paulo, 2001.